

A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES NA PAISAGEM DE FELÍCIO DOS SANTOS, ALTO VALE DO ARAÇUAÍ, MINAS GERAIS

Heitor Alves Bispo Júnior

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil,
h.bispoj@gmail.com

Bernardo Machado Gontijo

Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Belo Horizonte, MG, Brasil,
gontijob9@gmail.com

Marcelo Fagundes

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades,
Diamantina, MG, Brasil,
marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br

RESUMO

Este artigo propõe debater acerca da criação de memórias, ancestralidades e identidades das comunidades que formam o atual município de Felício dos Santos, em Minas Gerais, com os elementos da paisagem circundante. Seu intuito é entender como os diversos territórios se conformaram em paisagens no tempo-espaço, ou seja, em diferentes temporalidades. Para tanto, pretende-se compreender como se dão as inter-relações e narrativas entre a comunidade e o ambiente do entorno, a fim de que se possa realizar inferências sobre como são estabelecidos os diversos territórios no município. Com isso, o texto pretende estimular a elaboração de estratégias de gestão e conservação dos lugares de interesse arqueológico, histórico e, principalmente, de identidade e ancestralidade entre as diferentes comunidades que constituem Felício dos Santos.

Palavras-chave: Narrativas. Memória. Identidade. Paisagem. Felício dos Santos. Vale do Araçuaí.

THE CONSTRUCTION OF NARRATIVES, MEMORIES AND IDENTITIES IN THE LANDSCAPE OF FELÍCIO DOS SANTOS, UPPER ARAÇUAÍ VALLEY, MINAS GERAIS

ABSTRACT

This article aims to discuss the creation of memories, ancestries, and identities of the communities that compose the current municipality of Felício dos Santos, in Minas Gerais, in dialogue with the surrounding landscape elements. Its goal is to understand how the various territories have been shaped into landscapes throughout time and space, that is, across different temporalities. To this end, the study seeks to analyze the interrelations and narratives between the communities and their surrounding environment, in order to infer how the different territories within the municipality are established. Thus, this work intends to contribute to the development of strategies for the management and conservation of archaeological, historical sites and above all, identity and ancestral significance among the diverse communities that constitute Felício dos Santos.

Keywords: Narratives. Memory. Identity. Landscape. Felício dos Santos. Araçuaí Valley.

O objetivo deste artigo é discutir e refletir sobre como as comunidades atuais no município de Felício dos Santos, em Minas Gerais, têm se apropriado de sua paisagem (e territórios) para manter sua cosmovisão, religiosidade, modos de vida, narrativas, memórias e ancestralidades (Arcuri, 2019)¹.

Enfim, toda a pesquisa está sendo realizada na borda leste da SdEM, no Alto Vale do Araçuaí, a nordeste de Minas Gerais (Figura 1). Esse território é marcado pela elevada biodiversidade florística e faunística, principalmente em decorrência da fisiografia típica do Espinhaço. Além do mais, esse território situa-se no entreposto de duas importantes bacias hidrográficas (rios Jequitinhonha e Doce), onde são marcantes os contrafortes com imensa diversidade fitográfica (ecótono entre Cerrado e Mata Atlântica) e rica biodiversidade (Gontijo, 2022).

O mapa principal apresenta o território do município de Felício dos Santos, com o rio Araçuaí percorrendo sua extensão norte-sul. A hidrografia é destacada em azul, mostrando o curso principal e seus afluentes locais. Os limites municipais são delimitados por uma linha tracejada verde. Várias comunidades são marcadas com diamantes brancos, incluindo Maresilva, Paimoral, Candonga, Supé, Heredito, Cachoeira de São João, Capão Bonito, Sobrado, Corcê Dona, José Rodrigues, Cabecas, Dourado Isabel, Real, Indaiá, Coto, Fimbreiro, Coronha, Cancler e São Gonçalo do Rio Preto. O nascente do rio Araçuaí é indicado no extremo sul. As coordenadas UTM variam de 675000E a 700000E horizontalmente e de 7980000N a 8004000N verticalmente.

Legenda:

- Limite municipal Felício dos Santos
- Sede municipal de Felício dos Santos
- Comunidades
- Bacia Hidrográfica do rio Jequitinhonha
- Hidrografia
- Nascente do rio Araçuaí

Escala e Orientação:

A escala gráfica indica distâncias de 0, 4 e 8 Km, correspondendo a uma escala numérica de 1:150.000. Um compasso roseado orienta para os pontos cardeais N (Norte), S (Sul), E (Leste) e O (Oeste).

Metadados:

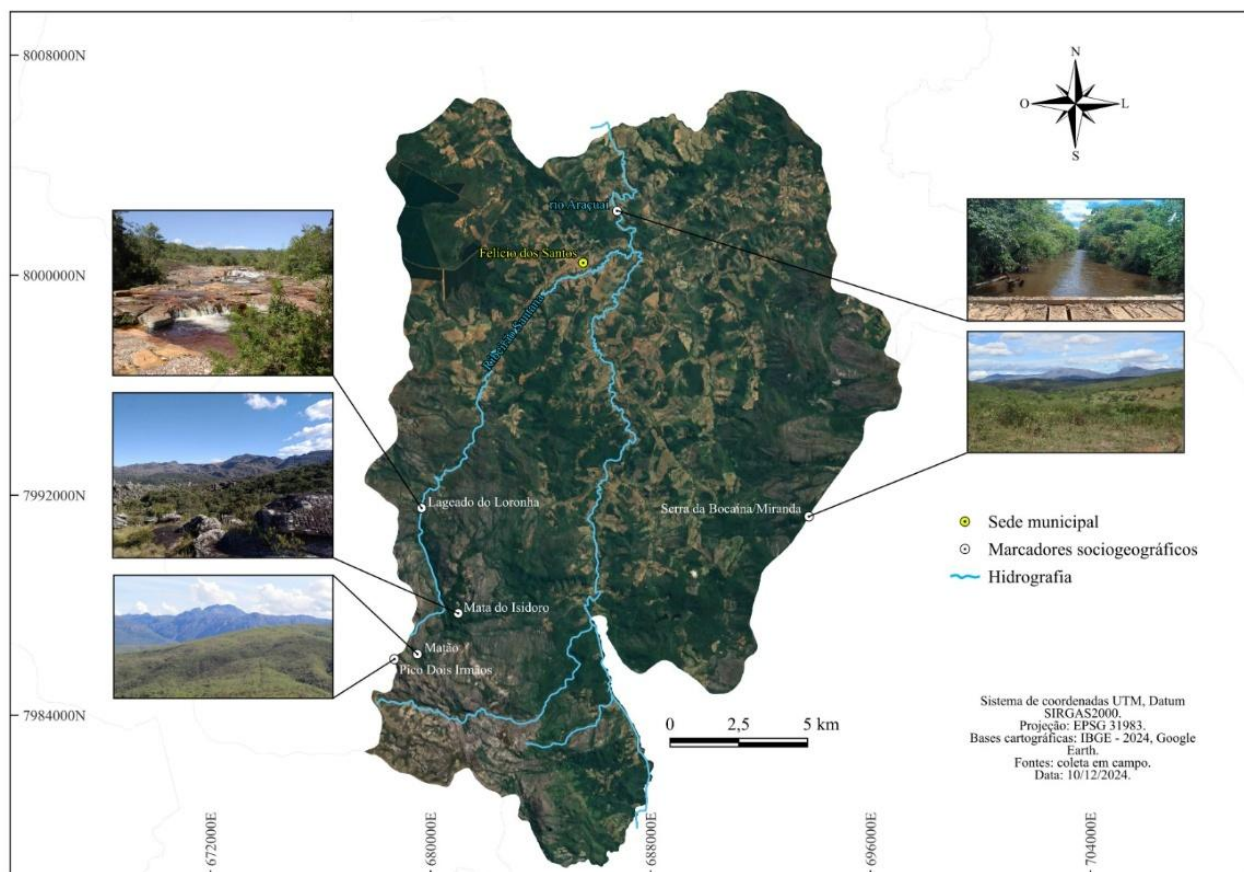
Sistema de Coordenadas UTM, Datum SIRGAS2000.
 Projeção: EPSG 31983.
 Bases Cartográficas: Google Earth, IDE - SISTEMA - 2024.
 Data: 26/11/2024.

¹ É importante salientar que este texto é fruto da pesquisa de doutoramento em Geografia desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e conta com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (código: 001). Autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CAAE: nº 89786625.7.0000.5149).

Caminhos de Geografia	Uberlândia	v. 27	2026	e2707	Página 2
-----------------------	------------	-------	------	-------	----------

Felício dos Santos, em termos geológicos, é representado pelo Planalto do Jequitinhonha e Serra do Espinhaço (unidade do Planalto Atlântico), onde são comuns os mares de morros com formações típicas de meia laranja e pães-de-açúcar³. Quanto à altimetria, possui cotas que variam entre 750 e 900 metros, excetuando o Pico Dois Irmãos (1.825 m) (Figuras 2 e 3). Nesse sentido, trata-se de um clima tropical com temperatura média de 19°C. O contingente populacional não ultrapassa a cifra de cinco mil habitantes e sua extensão territorial circunscreve aproximadamente 357 km² (IBGE, 2023).

Figura 2 - Município de Felício dos Santos (MG): Marcadores sociogeográficos do lugar, 2024



Fonte: Os autores, 2024.

As comunidades atuais têm uma identificação muito forte com as memórias coletivas e trajetórias históricas dos tropeiros do século XIX ou pequenos comerciantes, que acabaram por moldar a identidade cultural da população de Felício dos Santos. Por isso esse artigo é tão importante para o entendimento das ocupações humanas no Alto Vale do Araçuaí, trazendo à tona aspectos da descendência indígena e, sobretudo, afrodiaspórica que a comunidade deixou de recordar, por diferentes razões ao longo do tempo (Fagundes, 2022, 2025; Campos, 2023; Campos; Fagundes, 2023).

Importante enfatizar que muitas das atividades tradicionais praticadas pelos moradores locais na atualidade são práticas culturais que permaneceram vivas e foram ressignificadas durante o processo de estabelecimento das pessoas nesse território. Com efeito, outras atividades socioprodutivas não são mais realizadas pelas comunidades atuais, mas vez ou outra aparecem nas narrativas dos informantes desta pesquisa, conforme será apresentado.

³ Felício dos Santos, Plano Diretor Participativo: Relatório Final (2009).

Figura 3 - Município de Felício dos Santos (MG): Vista parcial da Serra do Gavião, 2025



Fonte: Os autores, 2025.

DA CULTURALIZAÇÃO DO AMBIENTE AO ESTABELECIMENTO DE PAISAGENS

Entendemos que a paisagem é uma construção humana (Cosgrove, 1984, 1985, 2012; Fagundes, 2025), ou seja, ela “[...] reflete o uso social da terra, por indivíduos e comunidades, ao longo do processo histórico, onde as diferentes atividades da vida humana modificam e culturalizam sua constituição, visto que são criadas e modificadas pela história” (Fagundes, 2019, p. 228).

Dessa forma, a paisagem é resultado da ação das pessoas humanas⁴ em determinado território, ou seja, seu habitar (Fagundes, 2025). Ela está presente na materialidade que a transforma, a artificializa, a (re) significa, a reajusta ao que se entende como funcional, estético ou espiritual; e está presente na imaterialidade, onde ocorre a modificação não apenas na forma em si, mas na compreensão do território no seu *ethos*, como entidade dotada de significados, signos e valores (Fagundes, 2025).

Assim, a paisagem é um fenômeno com temporalidade definida (Fagundes *et al.*, 2021), constituída por práticas socioculturais, trajetórias históricas, alteridades e memórias (Cosgrove, 1984; Anchuetz *et al.*, 2001; Acuto, 2013; Acevedo *et al.*, 2019; Acha, 2021; Fagundes, 2022; Fagundes *et al.*, 2024, 2025; Fagundes, 2025).

As atividades socioprodutivas praticadas atualmente têm fortes vínculos com a cultura e os modos de vida das pessoas humanas antigas da região da SdEM⁵. De fato, as comunidades atuais de Felício dos Santos ainda fazem uso das técnicas seculares de cultivo da terra para a lavoura; ocupação dos campos de altitude – principalmente a Chapada do Couto (Figura 4) – para o pastoreio de gado, tal como usufruem das serras, matas e cursos hídricos para a coleta de flores, sementes, caças de animais silvestres e retirada de lenha para cozinhar e outros fins. Esse habitar é conhecer e denominar o território onde essas comunidades vivem e estabelecem vínculos entre pessoas humanas e pessoas não-humanas (Fagundes, 2025; Fagundes *et al.*, 2024; Greco *et al.*, 2021).

⁴ Para melhor compreensão de pessoas humanas ou pessoas não-humanas ver: Gell (1998), Latour (2019), Viveiros de Castro (2002), Fausto (2023), Fagundes (2025), entre outros.

⁵ Já extintas e sem escrita.

Nesse sentido, os múltiplos usos da própria fisiografia podem ser tomados como elementos fundamentais do processo de formação da paisagem, que, por seu turno, diz respeito às formas de vida e à cultura das comunidades, suas trajetórias de vida, seus meios de habitar e suas ancestralidades (Fagundes, 2022, 2025). Assim, todo o processo nos permite estabelecer conexões entre a fisiografia feita paisagem e as evidências às atividades socioprodutivas no inter-relacionamento estabelecido com e nos territórios.

A fisiografia dessa paisagem é singular; por isso, ela imprime especificidades tanto aos territórios habitados, quanto aos seus ocupantes, os quais constroem relações de várias ordens. Dessa maneira, as comunidades interagem com a fisiografia de modo a construir marcadores topográficos que singularizam, identificam e estabelecem fronteiras culturais (Zedeño, 1997; Fagundes *et al.*, 2024).

Para tanto, são formadas alianças, negociações e trocas cruciais para reafirmar diferenças entre os grupos de pessoas humanas; ademais, aquelas formas de interação são fundamentais para a criação de alteridade e identidades sociais. Sendo assim, a compreensão do processo de construção das referências sociais (memórias e identidades) requer o reconhecimento de como são estabelecidos os elementos referenciais da comunidade (marcadores sociogeográficos) (Figura 2).

OS PRINCIPAIS MARCADORES GEOGRÁFICOS DA PAISAGEM EM SERRA NEGRA

Desde tempos remotos, as pessoas humanas se orientam por meio de elementos físicos presentes na fisiografia; inclusive, há cosmologias e ritualidades desses elementos, tornando-as pessoas não-humanas, como a paisagem (Fagundes; Arcuri, 2023), sejam os rios, as serras, as florestas ou tudo aquilo que serve para guiá-los em seu território.

Logo, denominaremos marcadores geográficos os distintivos da paisagem que conferem múltiplos sentidos às comunidades para além da materialidade⁶. Conforme Fagundes *et al.* (2024), esses marcadores nada mais são do que um conjunto de características referenciais que se relaciona à junção da fisiografia, dos elementos artificiais (signos) e das relações êmicas que as pessoas humanas concebem (símbolos) (Viveiros de Castro, 2002; Fagundes; Arcuri, 2023; Fausto, 2023; Fagundes, 2025).

Sendo assim, são propriedades fisiográficas, devido às suas particularidades, que acabam por conferir identidade e alteridade. Elas permitem aos seus portadores o estabelecimento de uma paisagem vinculada às ontologias regionais, aos lugares produtivos e sagrados, visto que o próprio meio acaba servindo às pessoas humanas como um pré-texto, onde são expressas suas ideias no tempo-espaço e na (i)materialidade, iniciando uma interação equacionada entre pessoas humanas *versus* paisagem *versus* pessoas humanas (Fagundes, 2025).

Desse modo, os marcadores da fisiografia (Figura 2) que mais se destacam na paisagem de Felício dos Santos e agem sobre o cotidiano dessas comunidades são destacadamente três: os rios, as matas e as serras (Bispo Jr., 2020). Esses marcadores geográficos, de uma forma ou de outra, são tão inerentes à vida das pessoas humanas, tão comuns ao cotidiano delas, que a simples verbalização nem sempre traduz sua importância para as comunidades locais. No entanto, é necessário ter muita cautela em preestabelecer esses marcadores. Nesse sentido, houve a necessidade de apresentar algumas de suas características e potencialidades, tendo em vista a possibilidade de compreender como se dá o estabelecimento de tais marcas na paisagem regional.

Em função de suas características atestadas pelos moradores de Felício dos Santos, os indicadores fisiográficos são estabelecidos como identidades sociais, uma vez que servem não apenas para orientação, mas sobretudo por conferir identidade, memória, ancestralidade; portanto, eles dão sentido à vida e ao mundo que é sentido e vivido (Bispo Jr., 2020).

A escolha de matas, serras e cursos d'água do município sem dúvida é fruto da observação, experiência e convivência de muitos anos com os elementos fisiográficos que compõem essa paisagem (Figura 2). Para melhor conhecê-los, nada mais justo que evidenciar os nomes dados pela própria comunidade, como também apresentar suas principais características e potenciais atributos:

⁶ Para acompanhar o debate sobre materialidade ver Fausto (2023), Latour (2019), Ingold (2011) e Descola (2006).

- a. **As matas** (Figura 2): a Mata do Isidoro Marques (Figura 5) é uma Floresta Estacional Semidecidual implantada na Área de Proteção Ambiental de Felício dos Santos – APA-Felício. Seu misterioso nome está vinculado às histórias do senhor Isidoro Marques, um negociante de diamantes do antigo Distrito Diamantino (atual Diamantina, MG). De acordo com Santos (1976), Isidoro refugiou-se naquela floresta com um grupo de garimpeiros para dar continuidade ao contrabando e proteger-se dos mandatários da Coroa portuguesa; porém, foi perseguido, preso, torturado e morto a mando de Manuel Ferreira da Câmara (Intendente dos Diamantes) no Arraial do Tejuco, em 1809. O Matão ou Mata do Jambreiro (Figura 3) consiste numa floresta interceptada pelo ribeirão Santana a poucos metros da nascente deste. Para alguns moradores locais, a tal floresta faz parte da Mata do Isidoro, servindo como área de trânsito tanto para pessoas quanto para animais que se aventuram na região da Chapada do Couto (Campo de altitude situado no Parque Estadual do Rio Preto, MG).
- b. **Os rios** (Figura 2): o Araçuaí (Figura 6) é o principal curso hídrico que traceja o município de Felício dos Santos no sentido Norte-Sul. O ribeirão Santana é afluente da margem esquerda do Araçuaí, unindo-se em direção ao município de Senador Modestino Gonçalves, MG. Ciente de que os cursos hídricos (uma pessoa não-humana) são necessários à sobrevivência de seres vivos, inclusive pessoas humanas, fica claro também que eles são elementos referenciais que dão sentidos, formas e valores ao mundo dos indivíduos no decorrer do tempo-espaço, de acordo com suas necessidades e vontades. Nessa concepção, os rios Araçuaí e Santana nada mais são que partes fundamentais das comunidades atuais de Felício dos Santos e suas inúmeras potencialidades, como localização, utilização, simbolismo, entre outros atributos.

Figura 4 - Município de Felício dos Santos (MG): Vista parcial do Território de Serra Negra, 2025



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 4 - Município de Felício dos Santos (MG): Mata do Isidoro Marques, 2025



Fonte: Os autores, 2025.

Figura 5 - Município de Felício dos Santos (MG): Rio Araçuaí e suas margens, 2025



Fonte: Os autores, 2025.

Os três indicadores citados – rios, serras e matas (Figura 2) – podem ser considerados marcadores geográficos e sociais das comunidades do entorno, pois além de servirem como pontos de referência, são também elementos estruturais para a construção de narrativas, memórias, trajetórias históricas e identidades dos diversos grupos humanos que existiram e ainda existem naquele habitat (Fagundes; Arcuri, 2023).

Na verdade, são conformados em territórios onde as pessoas encontram com o “outro” e consigo mesmo de forma que conferem valores, sentidos, simbolismos, etc. à própria vida e ao mundo onde vivem (Zedeño, 1997). De fato, esses marcadores geográficos (Figura 2) são como pedras angulares utilizadas para o entendimento das inter-relações concebidas entre pessoas humanas (e não humanas) e territórios num processo dinâmico e ininterrupto estabelecido pelas comunidades atuais de Felício dos Santos (MG) (Silva, 2024).

ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Os estudos sobre os temas memória e identidade são bastante amplos e alcançam diversificados campos científicos que, consequentemente, resultam numa diversidade teórico-conceitual que instiga debates entre os autores. Em decorrência dos limites desse texto, é mister centrar as discussões tendo como base a seleção de autores que tratam a temática de forma interdisciplinar, vinculando-a às concepções de patrimônio cultural e seus sentidos.

Na tarefa de compreensão de uma sociedade é indispensável entender os processos de construção das referências sociais (memórias e identidades) produzidas no tempo-espaço (Arcuri, 2019). Com efeito, se memória e identidade são elementos centrais para compreender a cultura de determinado povo, então é evidente a necessidade de buscar conceitos que ajudam no conhecimento de como são estabelecidos lugares de encontro, recordações, identidades, alteridades etc.

Por um lado, Alencar (2007, p. 100) atesta que “[...] as âncoras da memória são buscadas em elementos fixos da paisagem como as montanhas, os rios, as cachoeiras, as ruas, os monumentos [...]”, os quais ele considera elementos constituidores de lugares e paisagens. Por outro lado, Pollak (1989) acentua o papel da memória como produto da seleção individual ou coletiva das pessoas. Assim, consiste num fenômeno construído no espaço e nas temporalidades. Tais perspectivas permitem entender que na composição de uma organização social os indivíduos se reportam às referências sociais, como a memória, para dar sentido e coesão ao seu coletivo a fim de garantir sua perpetuação.

Uma das maneiras de reativar a memória de uma comunidade é a criação dos lugares de memória, onde as pessoas humanas constroem suas narrativas históricas e conferem sentidos, valores diversos à sua própria vida (Silva, 2024). Nesse contexto, os indicadores naturais ou fisiográficos do espaço geográfico podem ser vistos como instrumentos que ancoram as memórias sociais dos indivíduos e seu coletivo. É importante realçar que as pessoas humanas não interagem por acaso e aleatoriamente com os marcos sociais e geográficos (ou não-humanos), uma vez que as inter-relações pessoas/paisagem se efetuem por um processo dinâmico e complexo em que há escolhas, cosmovisões e ontologias envolvidas.

Nesse sentido, é possível que a necessidade de criar territórios de referências sociais (memória e identidade) seja uma estratégia dos coletivos de pessoas humanas para assegurar a sobrevivência da espécie face às diversas formas de dispersão dos indivíduos. Assim, a memória e a identidade são elementos cruciais na composição da coletividade das pessoas humanas, uma vez que estabelecem sentidos e valores culturais a elas. Não é para menos que a harmonia entre esses dois termos tem sido debatida em várias áreas científicas há um longo tempo, haja vista as múltiplas possibilidades de entendimentos acerca dessas indissociáveis expressões.

Por esse viés, a correlação ou interdependência da memória com a identidade foi problematizada e sintetizada por Pollak (1992, p. 5) como “(...) um fenômeno construído social e individualmente”. Com base nessa prerrogativa, é possível que as interações topofílicas⁷ (Tuan, 2015), afetuosas dos moradores das comunidades tradicionais com seu entorno, seja resultado da vontade de alimentar o desejo de pertencimento àquele lugar, levando em conta uma série de motivos, entre eles a autoidentificação com os indicadores naturais. Efetivamente, tudo isso leva a crer que a identidade dos indivíduos é construída nas inter-relações estabelecidas com os marcos geográficos da paisagem.

Nora (1984) afirma que a memória enquanto conceito interdisciplinar é repleta de sentidos, sobretudo por se vincular à noção de existência das pessoas humanas, de sua fluidez à vulnerabilidade e manipulação dessas pessoas humanas, assim a memória é vista como viva e em constante evolução. Mediante essa ideia, fica claro que a memória, figurando como um instrumento vulnerável, está

⁷ Topofilia é a afeição, percepção, valores, sentidos, etc. que as pessoas possuem pelo lugar onde vivem. Sobre isso, ver Yi-Fu Tuan (2015).

condicionada ao uso das pessoas humanas e seu coletivo de acordo com suas necessidades, vontades e escolhas de várias ordens. Isso implica num processo de interdependência com as concepções de identidade à medida que indivíduos ou comunidades são instigados a resgatar suas referências sociais para a criação de suas narrativas existenciais. Assim sendo, a simbiótica relação memória/identidade evidencia a indissociabilidade dessas expressões que, concretamente, são complementares e podem contribuir para o entendimento do comportamento humano no ambiente circunscrito ao longo dos anos.

Indubitavelmente que não se reconhece uma pessoa ou grupo sem o mínimo conhecimento das suas referências espaço-temporais, como a memória e as trajetórias históricas. Sendo assim, evidenciar as inter-relações tramadas entre as comunidades de Felício dos Santos e o território, se torna possível na medida em que se compreende como as pessoas humanas estabelecem os lugares que conformam a paisagem (não humana) a partir do resgate das memórias individuais e coletivas e do fortalecimento dos laços identitários com os marcadores dos lugares (Tuan, 2015).

Lowenthal (1998) alerta para o fato de se lembrar o passado como um exercício elementar para a construção das identidades, tendo em vista que, se soubermos quem fomos, saberemos quem somos. Nesse caso, se as comunidades mantiverem algum tipo de contato com os “lugares de memória” (Nora, 1984) e/ou lugares de encontro, pode-se atestar aí uma evidência de como a comunidade resgata suas origens para dar sentido à própria coletividade a partir das memórias coletivas e individuais e da identidade cultural (Campos, 2023).

Nesse contexto, o entendimento da ocupação das pessoas humanas de uma região tem levado em conta a compreensão dos processos que envolvem não apenas os vestígios materiais das pessoas humanas pretéritas, mas sobretudo a memória, história e identidade das pessoas humanas no presente. Isso acontece devido à antropização do ambiente que, humanizado, produz lugares de vida repletos de significados que trazem informações mais assertivas sobre as culturas e os modos de vida das pessoas em um determinado território.

Sabe-se que a apreensão do processo inter-relacional entre pessoas humanas e o meio condiciona a idealização da vida coletiva das pessoas em tempos longínquos. Dessa forma, os sujeitos sociais são estimulados a pensar que a garantia de suas existências depende de elementos afetivos como a memória, sendo que lembrar suas próprias experiências os faz conectar a si próprios com épocas passadas, embora tenha se tornado outra pessoa no presente. Com efeito, a identidade não é sintetizada somente quando se clama por uma série de lembranças, mas sim a partir do instante em que os indivíduos se inserem numa rede retrospectiva unificada (Lowenthal, 1998).

Nota-se, assim, que as referências espaço-temporais não são escolhas isoladas sem antes considerar o contexto em que elas se formaram. As pessoas humanas buscam a autodefinição, ou melhor, o conhecimento de suas referências culturais, naquilo que para elas possui relevância conforme suas categorias de significados, símbolos, signos, valores, etc. Ou seja, a partir de suas cosmovisões de mundo (Fagundes; Arcuri, 2023; Arcuri, 2019). Sob esse prisma, fica claro que tanto a memória como a identidade são estruturas complementares que servem para dar sentido, solidez, contornos às pessoas humanas.

Halbwachs (2013) anuncia que as pessoas humanas reconstróem suas narrativas históricas ao passo que se apropriam de recordações ou realizações de outras, ou grupos. Muitas vezes essas pessoas se identificam com os elementos referenciais, identitários, determinados pela própria sociedade como uma das formas possíveis de resgatar seu próprio passado e dar sentido à sua existência enquanto humanos. Semelhante processo torna-se evidente no contexto das inter-relações concebidas pelos moradores de Felício dos Santos com seus “lugares de memória”, a partir das afinidades socioafetivas tramadas com esses locais no decorrer do espaço-tempo.

Para o autor, esse fato vai além de uma análise generalista. Ele propõe uma categorização da memória em três níveis distintos que, no entanto, são indissociáveis. O primeiro nível diz respeito à memória individual e pode ser exemplificado da seguinte maneira: quando uma pessoa vivencia um fato e o relata como se fosse somente ela que o presenciou. O segundo nível refere-se à memória coletiva, isto é, quando pessoas ou grupos experienciam um mesmo fenômeno e relatam sobre ele de modo coletivo ou singular. Nesse caso, cabe ressaltar que a memória individual é, em última instância, uma memória coletiva se se leva em conta que as pessoas não recordam sozinhas os fatos, pois sempre procuram referências externas para construir suas lembranças. O terceiro e último nível faz menção à seletividade da memória, que, enquanto fenômeno social construído, é constituída pelos elementos selecionados pelas pessoas ou grupos de maneira intencional ou não, segundo suas ontologias. De acordo com o

autor, a memória seletiva tem sido mais recorrente, visto que as comunidades resgatam nas águas do *Lete*⁸ os elementos selecionados para recordá-los no presente.

Nesse contexto, a memória histórica não deixa de ser relevante em função de considerar as diferenças existentes entre as sociedades com oralidade e a escrita, mormente ao processo de transição da primeira para a segunda (Le Goff, 2013). Não há dúvida de que essa tipologia de memória seja crucial na consolidação dos laços identitários dos moradores de Felício dos Santos (MG), se sabido das inter-relações tramadas entre os indicadores naturais implantados no habitar daquela comunidade, como as serras, as matas e cursos hídricos, a título de exemplo.

É possível notar que as pessoas buscam correlacionar todas essas categorias de memória à proporção que interagem ininterruptamente com seus territórios. Assim, essas pessoas certamente ancoram suas memórias de modo individual e coletivo, com o intuito de dar sentido à própria existência a partir das relações estabelecidas com os lugares onde estão implantados, criando lastros coesos de pertencimento, de identidade e alteridades socioculturais com esses locais.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Do ponto de vista metodológico, foi preciso organizar em etapas a realização da pesquisa de campo, cujos procedimentos consistiram em revisão da literatura, georreferenciamento da área de estudo e análise de conteúdo das entrevistas (gravadas digitalmente) com o público-alvo (moradores de Felício dos Santos com idade entre 18 e 80 anos). A amostragem da investigação pretendia entrevistar 30 moradores, contudo, apenas 12 pessoas atenderam aos seguintes critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, bem como tiveram disponibilidade em participar voluntariamente

Como critério de inclusão, foram selecionadas pessoas com idade entre 18 aos 80 anos, lúcidas, que se voluntariaram em participar da pesquisa; assinaram o TCLE; possuíam algum tipo de vínculo com o território em análise e eram moradores há pelo menos 10 anos no município. Por outro lado, foram excluídas aquelas pessoas com idade inferior a 18 anos e superior a 80 anos; que já não estão lúcidas; sem qualquer tipo de vínculo com a comunidade; não assinantes do TCLE e que residiam no município há menos de 10 anos. Ressaltamos que todo o processo de investigação está de acordo com as diretrizes e recomendações éticas indicadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Em laboratório, as entrevistas gravadas foram selecionadas, escutadas atentamente e transcritas com o uso da ferramenta Word, mantendo a linguagem inteligível, fiel e expressões próprias dos entrevistados. Após esse processo foi realizada a análise de conteúdo das narrativas, pontuando as conexões das falas dos investigados com os elementos materiais e imateriais do território, que inclui a paisagem e os sítios arqueológicos. Feito isso, buscou-se na literatura o alicerce teórico-metodológico que permitiu entender como as pessoas interagem com os elementos sociogeográficos da paisagem em diferentes temporalidades (Macedo, 2019).

Se os diversos territórios – aqui entendidos como comunidades – são constituídos de paisagens (Fagundes, 2025), as experiências vivenciadas neles podem ser vistas como produtos constitutivos das memórias (individuais e coletivas) e da própria identidade. Todavia, as vivências não são apenas parte da história de determinadas pessoas humanas. Elas estão vivas na memória coletiva ao passo que são recordadas no presente.

Em consonância ao que acenou Halbwachs (2013), pode-se afirmar que a memória é um fenômeno tanto individual quanto coletivo, dado que as recordações são libertas não apenas por uma pessoa isolada, mas por tantas outras. Por exemplo, os sítios arqueológicos em Felício dos Santos traduzem as múltiplas experiências dos moradores consolidadas em memórias coletivas (Quadro 1).

⁸ Na mitologia grega, o Lete era o rio do esquecimento situado no Hades (local dos mortos ou submundo). A pessoa que bebesse de suas águas, o que era inevitável, seria tomada pelo esquecimento.

Quadro 1 - Felício dos Santos (MG): Narrativas das entrevistas realizadas entre abril e setembro de 2024 sobre os sítios arqueológicos do Complexo de Serra Negra, 2025

Comunidades e órgãos públicos	Pessoas entrevistadas	Quais seriam suas recordações quando se refere aos sítios arqueológicos de seu conhecimento?
Cabeças	01	“Aqui tem poucas lembranças daquela lapa onde estão as pinturas, porque comprei este sítio há uns mais ou menos sete a dez anos atrás. Mas <u>lembro bem de quando meu pai e avós falavam que ali tinham umas pinturas de bugre e eu fiquei curioso para conhecer elas</u> . Passado um tempo, eu resolvi comprar aquela a área pensando em preservar. <u>Hoje, moro ali com minha família e guardo a cada dia boas lembranças dali...</u> ” (Grifos nossos)
Escola Estadual Felício dos Santos	03	“[...] Quando conheci o sítio arqueológico na região de <u>Três Fronteiras</u> , eu <u>soube da existência de índios que viveram aqui há milhares de anos</u> . Na minha memória eu obtinha informação sobre a história da cidade há apenas um século ou pouco mais do que isso, nunca tinha sequer ouvido falar de registros de índios nessa região. Acredito, então, que precisamos primeiro conhecer nossa história para depois sermos capazes de fazer essa associação entre nossa memória com os sítios arqueológicos aqui situados, que acabam por nos contar uma parte imprescindível da nossa história, até então desconhecida.” (Grifo nosso) “ <u>Não tenho recordação alguma de sítios arqueológicos.</u> ” (Grifo nosso) “As recordações são referentes aos <u>ensinamentos e história</u> de nossos antepassados.” (Grifo nosso).
Indaiá	01	“As minhas recordações seriam de <u>respeito, admiração, cuidado</u> e muito mais, pois é um bem que nos foi deixado não sabemos há quantas gerações, quantos anos.” (Grifo nosso)
Fazenda Nova	01	“As minhas recordações são bastante fortes no que diz respeito <u>à concepção dos meus antepassados (pai, avô) que me ensinaram que tais pinturas rupestres eram atribuídas aos bugres (índios ou nativos)</u> e, apesar do pouco conhecimento deles, tinham entendido que aquilo era uma forma <u>de expressão ou comunicação dos nativos</u> naquela época remota. <u>Essas recordações são fruto das conversas, visitas ao entorno dos sítios rupestres em ocasiões de caçadas, coleta de raízes e folhas de plantas medicinais que faziam e ainda fazem parte dos costumes da sociedade local.</u> ” (Grifos nossos)
Sampaio	01	“ <u>São poucas as relações que tive com os devidos sítios, entretanto, me lembro que ainda criança ouvia falar e isso mexia com minhas expectativas para conhecer</u> . Então, em um certo dia tive a oportunidade de conhecer uma e minha primeira impressão foi algo muito bom, <u>fiquei admirando as pinturas e tentando imaginar o contexto delas.</u> ” (Grifos nossos)
Cidade	01	“Devido à falta de incentivo à visitação desses sítios, seria difícil recordar de algo, senão o fato de que eles poderão deixar de existir devido ao processo de extrativismo mineral nessas áreas.” (Grifo nosso)
Corre Dona	01	“Baseando-se nas histórias contadas por moradores da própria comunidade, conclui-se que as pinturas rupestres presentes nas rochas demonstram algum tipo de comunicação naquela época.” (Grifos nossos)
Carazal	01	Sem informação.
Grota das Cobras	01	“Lembro dos <u>meus avós</u> que nestes lugares faziam suas <u>rezas com terços e benziam</u> , reunindo pessoas de vários lugares onde dançavam etc.” (Grifo nosso)
Câmara Municipal	01	“Me recordo dos trabalhos realizados com <u>tropas, transporte com tração animal.</u> ” (Grifo nosso)

Fonte: Os autores, 2025.

As lembranças sobre os contatos com os sítios arqueológicos são, por um lado, diversificadas; por outro, comuns e até inexistentes. A referência à arte rupestre presente nos abrigos pintados é um indicativo da memória coletiva construída nas comunidades do Cabeças, Fazenda Nova, Sampaio e Corre Dona (Macedo, 2017; Greco *et al.*, 2021).

A ausência de quaisquer contatos ou recordações com esses bens patrimoniais são expressos nos depoimentos dos moradores da cidade, do Carazal e da Escola Estadual de Felício dos Santos. Elementos marcantes nesses relatos são as atividades socioprodutivas (caçadas, tropas, coleta de raízes etc.), tal como manifestações culturais (rezas, benzimentos, danças, etc.) e visitas, conforme relatado em Fazenda Nova, Grota das Cobras e Câmara Municipal (Quadro 1).

Todas essas narrativas induzem a tal entendimento: se a memória como produto da eleição das pessoas é um fenômeno criado no tempo-espço (Pollak, 1989), torna-se evidente que a paisagem e os elementos contidos nela são, portanto, resultados das escolhas dessas pessoas que se inter-relacionam com aqueles elementos ao longo dos anos (Quadro 1).

A memória como um produto social construído no espaço-tempo é, em última instância, um fenômeno coletivo, que tem forte vínculo fenomenológico com o sentimento de pertencimento (Pollak, 1992). Por seu turno, a identidade tem fundamental importância na construção da memória individual e coletiva das sociedades, tendo em vista que os indivíduos e seu coletivo necessitam de elementos referenciais que os auxiliem no reconhecimento de si próprio, como também de sua cultura. Com vistas a alguns depoimentos da população analisada (Quadro 1), parece claro que as memórias sociais das comunidades estão intrinsecamente vinculadas ao sentimento de pertencimento (identidade) das pessoas com seus lugares e com os elementos sociofisiográficos (materiais e imateriais) que os caracterizam.

Tais narrativas, nesse sentido, evidenciam que a memória individual e coletiva, construída com e nos lugares, revela muito sobre as formas de interação com o ambiente em que as pessoas vivem (Quadro 1). De fato, são realçadas múltiplas vivências com os marcadores sociogeográficos que, diga-se de passagem, são elementos com os quais as comunidades se orientam, se reconhecem construindo suas ontologias e culturas. Isso indica que o contato físico de cada um daqueles moradores com sua paisagem influencia na maneira como eles contam suas histórias no resgate das suas memórias para consolidar suas identidades e alteridades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como se dão as interações entre pessoas humanas e paisagem (entendida como não-humanas) no Alto Vale do Araçuaí, particularmente em Felício dos Santos (MG), não deixa de ser um grande desafio para pesquisadores das Ciências Humanas e de outros ramos científicos. Por outro lado, a partir de pesquisas interdisciplinares, tem-se feito inferências importantes para a compreensão dos fenômenos sociais existentes naquela região. Sabe-se, por exemplo, que existe uma pluralidade de maneiras pelas quais as comunidades se relacionam com e na fisiografia (Fagundes, 2025; Bispo Jr., 2020), construindo memórias, identidades e narrativas históricas que são sintetizadas nas paisagens, de acordo com suas ontologias e cosmologias (Arcuri, 2019).

Nesse sentido, a pesquisa realizada em Felício dos Santos demonstrou que os moradores continuam estabelecendo vínculos e conferindo significados, signos, sentidos, valores, etc., aos territórios a partir de interações socioafetivas com os marcadores sociais e geográficos da paisagem regional (Bispo Jr., 2020). Esses marcadores são concebidos pela própria comunidade na interrelação com as serras, as matas e os rios que constituem os lugares e paisagens do município, como hipoteticamente anunciamos anteriormente. A partir das análises de conteúdo das narrativas, conforme um dos nossos objetivos, torna-se nítido que as memórias sócio-históricas surgem nas relações das pessoas com os indicadores fisiográficos – por exemplo, as matas: Isidoro, Matão ou Jambreiro; os rios: Araçuaí e Santana; as serras: Pico Dois Irmãos ou Serra Grande, Bocaina ou Miranda ou ainda Indaiá (Figura 2)

Como hipoteticamente tínhamos presumido, os dados demonstraram que a população de Felício dos Santos, de certa forma, possui consciência da relevância sociocultural do legado indígena na região, já que nos relatos ficou claro que muitos sabem da existência de vestígios arqueológicos nos abrigos com pinturas rupestres (Quadro 1). Assim como, não apenas têm conhecimento dos abrigos pintados, mas, sobretudo, os utilizam em suas atividades cotidianas – por exemplo, locais de descanso, currais, “espera” de caças dos animais silvestres, lugares ritualísticos, entre outros.

Além de interagirem com esses lugares ancestrais, muitos daqueles moradores se socializam com outros locais com potenciais turísticos, talvez como forma de resgatar suas origens e consolidar suas identidades sociais (Halbwachs, 2013) a partir do contato com o “outro” ou com os vestígios do “outro” sintetizados nesses ambientes.

Ademais, evidenciou-se que as comunidades em Felício dos Santos continuam usufruindo da paisagem e com ela se inter-relacionando. Essas interações ocorrem de diferentes maneiras, sendo funcional (orientação, abastecimento, suprimentos alimentícios e outros), e simbólico, de acordo com suas identidades e memórias.

Tendo em vista tudo isso, esse texto pretende ampliar o entendimento de como se dão as relações entre as comunidades de Felício dos Santos e sua paisagem, inclusive como meio de poder valorizá-la e, a partir disso, elaborar políticas protecionistas para os bens paisagísticos, trajetórias históricas e culturais frente às constantes investidas das microempresas extrativistas e agroindustriais que adentram à região, desestruturando psico-fisicamente as referências sociais e culturais daquele povo.

AGRADECIMENTOS:

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sob o código: 001 e número: 88887.877867/2023-00) e à Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), sob o número: APQ-01950-24, por financiarem esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, A.; FIORE, D.; FERRARI, A. A. A systematic study of images, topographies and visibility in south-central Patagonia (Argentina). **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 56, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.jaa.2019.101101>
- ACHA, M. Arqueologia da Paisagem: considerações sobre a perspectiva de vivência e de movimento. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 18, n. 35, p. 217-235, 2021. <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v18i35.20487>
- ACUTO, F. A. Demasiado Paisaje? Múltiples Teorías o Múltiples Subjetividades en la Arqueología del Paisaje. **Anuário de Arqueología**, v. 5, p. 31-50, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11336/1775>>. Acesso em: 18 maio 2025.
- ALENCAR, E. F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **Teoria & Pesquisa**, v. XVI, n. 2, p. 95-110, 2007. Disponível em: <<https://teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/108>>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- ANCHUETZ, K. F.; WILSHUSEN, R. H.; SCHEICK, C. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. **Journal of Archaeological Research**, v. 9, n. 2, p. 157-211, 2001. <http://dx.doi.org/10.1023/A:1016621326415>
- ARCURI, M. Cosmografias ameríndias: a arte e o ‘ato de animar’. In: SANJA, S (ed.). **Culturas visuais indígenas y las prácticas estéticas en las Américas desde la antigüedad hasta el presente**. Berlin: Ibero Amerikanisches Institut/ Estudios Indiana, n. 13, p. 217-239, 2019. Disponível em: <https://api.core.ac.uk/oai/oai:www.mycore.de:iai_mods_00000029>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BISPO JR., H. A. **Lugares e Gentes: as relações entre pessoas, paisagens e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais – (2010-2019)**. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/c25440b8-7d9e-4cad-a14b-eab169835940>>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CAMPOS, P. **Sítio arqueológico Olhos d’Água: um estudo comparativo dos lugares e objetos referente à população negra de Felício dos Santos e Senador Modestino Gonçalves, séculos XVIII e XIX**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/18076fea-cd45-490d-85ba-4cb5ffa9441c>>. Acesso em: 12 maio 2025.

CAMPOS, P.; FAGUNDES, M. O sítio Olhos d'Água Alto Vale do Araçuaí, MG: outras epistemologias, outras narrativas possíveis na interpretação da paisagem afrodiaspórica. **Revista do LEPAARq**, Laboratório de Arqueologia e Antropologia da Ufpel, v. 30, n. 20, p. 234-252, 2023.

<https://doi.org/10.15210/lepaarq.v20i40.26109>

COSGROVE, D. **Social formation and symbolic landscape**. London: Croom Helm, 1984, v. 19, p. 95-101. Disponível em: <<https://archive.org/details/socialformations0000cosg/page/n5/mode/2up>>.

Acesso em: 10 julh. 2025. COSGROVE, D. Prospect, perspective and the Evolution of the Landscape Idea. **Transaction of the Institute of British Geographers**, v. 10, n. 1, p. 45-62, 1985.

<https://doi.org/10.2307/622249>

COSGROVE, D. **Mundo de significados**: geografia cultural e imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENTHAL, Z. Geografia cultural: uma ontologia. Rio Janeiro: Editora da UERJ, v. 1, p. 105-118, 2012. <https://doi.org/10.7476/9788575114384>

DESCOLA, P. **As lanças do crepúsculo**: relações Jivago na Alta Amazônia. Tradução de Dorothée de Bruchrad. São Paulo: Cosac Naify, Ed. 1, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132007000200015>

FAGUNDES, M. Arqueologia em Serra Negra: uma síntese interdisciplinar das ocupações humanas antes da conquista nas paisagens do Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. In: BONADIMAN *et al.* (orgs.). **Diálogos interdisciplinares no Vale do Jequitinhonha**. Curitiba: Editora CRV, Ed. 1, p. 221-247, 2019. <https://doi.org/10.24824/978854443280.8>

FAGUNDES, M., GRECO, W. S., BANDEIRA, A. M.; ARCURI, M. Paisagem e suas interfaces em pesquisas sobre arte rupestre: um estudo de caso em Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 2, p. 74-103, 2021.

<https://doi.org/10.24885/sab.v34i2.904>

FAGUNDES, M. (org.). **Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais**. Curitiba: Editora CRV, Ed. 1, p. 31-72, 2022. <https://doi.org/10.24824/978652511357.9>

FAGUNDES, M.; ARCURI, M. Paisagem cíclica, lugares de retorno: um estudo de resiliência cultural em Cerro Ventarrón, Lambayeque, Peru. **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 1, p. 225-244, 2023.

<https://doi.org/10.24885/sab.v36i1.1014>

FAGUNDES, M.; GRECO, W. S.; IZAGUIRRE PIOMA, J. C.; CAMPOS, P.; FONSECA, T. Por uma Arqueologia Geográfica ou Geografia Arqueológica das Terras Altas Mineiras: reflexões sobre o uso do conceito culturalista de paisagem no Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 25, n. 97, p. 231-252, 2024. <https://doi.org/10.14393/RCG259769098>

FAGUNDES, M., COE, H., CHUENG, K. F., UTILDA, G., VASCONCELOS, A. M. C., PERILLO FILHO, A.; MACHADO, D. O. B. F. Condições paleoambientais e as vivências durante o Holoceno Médio no território de Serra Negra, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 20, n. 1), 2025. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2024-0036>

FAGUNDES, M. Being Here! Serra Negra Landscape, Alto Araçuaí, Minas Gerais, Brazil. **Great Britain Journals Press**, London Journal of Research in Humanities & Social Science, v. 25, n. 18, p. 39-66, 2025. Disponível em: <<https://journalspress.uk/index.php/LJRHSS/article/view/1336>>.

Acesso em: 01 ago. 2025. FAUSTO, C. **Ardis da Arte**: Imagem, Agência e Ritual na Amazônia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Ed. 1, 2023. Disponível em:

<<https://www.edusp.com.br/livros/ardis-da-arte/>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FELÍCIO DOS SANTOS. **Plano Diretor Participativo do Município de Felício dos Santos/MG**.

Relatório Final, 2009. Disponível em: <<https://feliciodossantos.mg.gov.br/>>. Acesso em: 03 jul. 2025.

GELL, A. **Art and agency**: an anthropological theory. Oxford: Clarendon, Ed. 1 1998. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Art-Agency-Anthropological-Alfred-Gell/dp/0198280149>>. Acesso em: 11 maio 2025.

GONTIJO, B. M. A área arqueológica de Serra Negra no contexto da Serra do Espinhaço. In: FAGUNDES, M. (org.). **Paisagem e Arqueologias em Serra Negra, Espinhaço Meridional, Minas Gerais**. Curitiba: Editora CRV, Ed. 1, p. 89-100, 2022. <https://doi.org/10.24885/sab.v27i2.406>

- GRECO, W. S.; FAGUNDES, M.; MACEDO, T. D. A.; BISPO JR, H. A. Arqueologia, comunidades e histórias da paisagem de Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, v. 10, n. 1, p. 82-102, 2021. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5127532>
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/666796593/A-memoria-coletiva-Halbwachs>>. Acesso em: 12 maio 2025.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2023**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/felicio-dos-santos.html>>. Acesso em: 01 maio 2025.
- INGOLD, T. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. London: Routledge, Ed. 1, 2011. Disponível em: <https://www.routledge.com/Being-Alive-Essays-on-Movement-Knowledge-and-Description/Ingold/p/book/9781032052311?srsltid=AfmBOorU8N6OxsOakIsK8JiV86BK1t2YpAcmC-dDb3vblCpUGxAGAcTv>>. Acesso em: 10 maio 2025.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Jamais-Fomos-Modernos-Bruno-Latour/dp/8585490381>>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- LE GOFF, J. Memória. In: **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. 7. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, p. 387-435, 2013. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Mem%C3%B3ria-Jacques-Goff/dp/8526810081>>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- LOWENTHAL, D. “Como conhecemos o passado”. Projeto História: trabalhos da memória. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História**, n. 17, p. 63-201, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsr/index.php/revph/article/view/11110>>. Acesso em: 05 maio 2025.
- MACEDO, T. D. A. “**Vou Te Proteger**”: a Educação Patrimonial como estratégia para proteção e valorização do patrimônio arqueológico do município de Felício dos Santos, MG. 2017. 175f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufvjm.edu.br/items/49c0e841-70ae-480f-8480-97c089901d1b>>. Acesso em: 16 maio 2025.
- NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In: **Les Lieux de mémoire**. Tradução de Yara Aun Khoury. Paris: Gallimard, v. 10, p. 7-28, 1984. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.br/handle/123456789/3153>>. Acesso em: 14 jul. 2025.
- PERILLO FILHO, Á. **Estudo da variabilidade tecnológica de cinco sítios arqueológicos localizados na Área Arqueológica de Serra Negra, Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**: do Holoceno Médio ao Holoceno Recente. 2024. 616f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/259822>>. Acesso em: 02 maio 2025.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução Dora Rocha Flaksman. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15. Rio de Janeiro: FGV, 1989. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/producao-cultural/memoria-e-patrimonio-cultural/memoria-esquecimento-silencio-pollak-michael/view>>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/276>>. Acesso em: 06 jun. 2025.
- SANTOS, J. F. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio**. 4. ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, 1976. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7098>>. Disponível em: 14 abril 2025.
- SILVA, F. A. **Etnografando a Arqueologia**. Dado Etnográfico, Prática Etnográfica e Conhecimento Arqueológico. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 434p, 2024. <https://doi.org/10.11606/9788560984701>

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2246>>. Acesso em: 12 de maio 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. Ed. 5, 552p, 2002. Disponível em: <<https://www.ubueditora.com.br/inconstancia-da-alma-selvagem.html>>. Acesso em: 01 maio 2025.

ZEDENHO, M. N. Landscape, land use, and the history of territory formation: an example of the Puebloan Southwest. **Journal Archaeological Method and Theory**, v. 4, p. 67-103, 1997. <https://doi.org/10.1007/BF02428059>

Recebido em: 19/06/2025

Aceito para publicação em: 17/10/2025